

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

A recepção da noção de “campo literário” no mundo acadêmico brasileiro.

Enio Passiani.

Cita:

Enio Passiani (2009). *A recepção da noção de “campo literário” no mundo acadêmico brasileiro. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1282>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A recepção da noção de “campo literário” no mundo acadêmico brasileiro

Enio Passiani

FACAMP (Faculdade de Campinas)

eniopassiani@gmail.com

O sociólogo italiano Marco Santoro, em artigo publicado recentemente por ocasião do simpósio *The International Circulation of Sociological Ideas: The case of Pierre Bourdieu*¹, nos dá a noção da abrangência do uso da teoria e conceitos de Bourdieu ao redor do globo, que extrapola, e muito, os limites do mundo intelectual e acadêmico francês: Leste europeu, países nórdicos, Japão, China, América Latina, parece não haver limites para a tremenda influência que Bourdieu vem exercendo nas últimas três décadas, a ponto de ser o pensador social mais citado ao redor do mundo entre 1999 e 2007, totalizando mais de 1600 referências². Curioso notar, afirma o citado sociólogo, que a despeito da crítica de Bourdieu à globalização e seus efeitos, a extensão da circulação de suas idéias é também produto ou efeito do mesmo processo de mundialização³. Todavia, o deslocamento das idéias não se realiza sem quaisquer fronteiras e obstáculos; ao contrário, os padrões de transferência do conhecimento e do saber têm variado bastante e produzido “caminhos imprevisíveis” e surpresas interpretativas, produzindo o que Santoro chama de “contaminação, hibridização e creolização” das teorias e conceitos, o que pode abrir novas perspectivas teórico-metodológicas. Ou seja, qualquer processo de transplantação cultural deve implicar traduções, adaptações e

¹ SANTORO, Marco. Putting Bourdieu in the Global Field. **Sociologica: Italian Journal of Sociology On-Line**, Bolonha, n. 2, 2008, p. 1-2. Disponível em: <<http://www.sociologica.molino.it/journal/articlefulltext/index/Article/Journal:ARTICLE:248>>

² Cf. SANTORO, *op. cit.*, p. 4.

³ Cf. SANTORO, *op. cit.*, p. 8.

atualizações da teoria alienígena em relação ao ambiente nativo a fim de, justamente, vigorar a própria teoria e renovar sua força explicativa e crítica.

A apropriação de Pierre Bourdieu na América Latina de modo geral, exceção feita ao Brasil, foi mais tímida, porém continuou se dando de modo crítico e criativo pelas mãos, por exemplo, de Manuel Castells no Chile; Beatriz Sarlos, Carlos Altamirano e Néstor Garcia Canclini, na Argentina; este último ainda o responsável por espalhar o pensamento de Bourdieu no México ⁴. O caso brasileiro, ao contrário, destoa um pouco do resto do continente. Num levantamento feito pelo sociólogo argentino Denis Baranger, podemos constatar que, entre 1975 e 1998, aparecem nas páginas das **Actes de la recherche en sciences sociales** – periódico criado e dirigido por Bourdieu até sua morte, em 23 de janeiro de 2002, e veículo importante de suas ideias – 16 artigos cujo tema é o Brasil, e, no mesmo período, 10 autores brasileiros publicam na revista. De 1999 a 2007, no entanto, há uma queda acentuada da presença brasileira, tanto em relação aos autores quanto ao tema, para apenas um artigo em cada quesito; ao passo que a presença argentina cresce um pouco, com 5 publicações que têm a problemática do país como tema e 5 são autores que lá constam ⁵. De todo modo, a presença brasileira, apesar da queda, continua sendo a maior entre os países latino-americanos.

Para o caso que mais nos interessa aqui, a importação e a utilização da noção de “campo literário” nas pesquisas sobre literatura realizadas no Brasil, é obrigatório destacar a figura do sociólogo e professor da Universidade de São Paulo, Sergio Miceli. Primeiro brasileiro, e latino-americano, a publicar nas *Actes* e a fazer doutorado na França sob orientação do próprio Pierre Bourdieu, Miceli foi quem nos introduziu a noção de “campo literário” e quem nos mostrou toda sua potência explicativa. Antigo frequentador da obra de Bourdieu, que remete ao final dos anos 1960 e começos dos 1970, é, ao nosso ver, com **Intelectuais e classe dirigente no Brasil**, de 1979, que Miceli dá um tratamento bem acabado e original à proposta *bourdieusiana*, incorporando algumas de suas categorias e, principalmente, sua visada sociológica, adaptando-as à análise do contexto nacional. Embora o autor afirme que àquela altura a influência de Raymond Williams e Fritz Ringer eram até maiores que a de Bourdieu, chegando inclusive a dizer que a palavra “campo” sequer aparece em **Intelectuais** ⁶, não podemos esquecer que: primeiro, Miceli já havia entrado em contato com algumas teses centrais Bourdieu por meio do texto “Campo intelectual e projeto

⁴ BARANGER, Denis. The reception of Bourdieu in Latin América and Argentina. **Sociologica: Italian Journal of Sociology On-Line**, Bolonha, n. 2, 2008, p. 1-2. Disponível em: <<http://www.sociologica.molino.it/journal/articlefulltext/index/Article/Journal:ARTICLE:248>>

⁵ Cf. BARANGER, *op. cit.*, p. 3.

⁶ As afirmações de Miceli estão presentes em: BASTOS *et al.*, 2006, p. 231. Quanto à presença da palavra “campo” em **Intelectuais**, devemos revelar que o autor se equivoca, pois ela aparece em vários momentos, como às páginas 192 e 196, por exemplo.

criador”, que lhe influenciaram profunda e permanentemente, como ele mesmo admite; segundo, o artigo de 1976 e a tese de 1978, tornada livro no ano seguinte, foram em boa medida o produto do estágio realizado na França sob supervisão do próprio Bourdieu, outro fato confirmado por Miceli; o que nos leva a concluir que a presença do sociólogo francês nos primeiros trabalhos de Miceli é maior do que ele aceita. E tal influência é confirmada quando observamos a ossatura da obra de 1978/1979, toda ela impregnada de argumentos de base *bourdieusiana*. Vejamos: a preocupação central de Miceli, tal como ocorre com Bourdieu (só que voltado, obviamente, para o caso francês), é com a constituição de uma vida intelectual no Brasil, ponto de chegada de sua pesquisa sobre os literatos nacionais no período entre 1920 e 1945, e seus desdobramentos, como a sociabilidade que se constroi entre eles, das redes de amizade, intrigas e disputas que esses intelectuais estabelecem nas disputas por certos bens simbólicos; ou ainda quando observamos o esforço de Miceli em desvendar as condições sociais objetivas necessárias para o desempenho do trabalho intelectual, como a expansão do mercado do livro e a profissionalização do trabalho intelectual, particularmente o literário, e o engate, que preocupa Bourdieu e Miceli, entre o campo do poder e o campo da produção simbólica que deriva justamente de tais condições.

Miceli, nos seus primeiros estudos sociológicos sobre a literatura nacional, vai indagando sobre as possibilidades da estruturação de um campo literário num país periférico e dependente como o Brasil, com características próprias e idiosincrasias sociais exclusivas ⁷. A perspectiva sociológica de Miceli é original porque mostra a possibilidade de um campo da produção simbólica relativamente autônomo e da atividade criativa cá entre nós, sem descuidar da análise e interpretação das particularidades desse campo, como: 1) certa dependência em relação ao Estado, que, curiosamente, não ameaçava sua autonomia relativa, visível na distinção que o autor faz entre “funcionário-escritor” e “escritor-funcionário”, este ciente da independência dos critérios de validação estética frente outras instâncias sociais ⁸; e 2) a localização dos intelectuais no sistema político-partidário de São Paulo e o tráfico de influências que daí podia derivar, favorecendo alguns e prejudicando outros, numa verdadeira concorrência intelectual por favores e prebendas. Paradoxalmente, pois, Miceli demonstra que a autonomia relativa do campo intelectual brasileiro dependia do mecenato estatal, primordialmente nos anos Vargas, ou seja, os “escritores-funcionários”, por serem funcionários públicos, garantiam a satisfação das necessidades objetivas, permitindo-lhes desenvolver, esteticamente inclusive, a atividade literária. Nesses casos, o

⁷ Coincidentemente, no mesmo ano de 1979 Carlos Altamirano e Beatriz Sarlo descreviam o campo literário argentino como um campo dependente. Cf. BARANGER, 2008, p. 8.

⁸ MICELI, 1979, p. 178 e ss.

posicionamento político vinha configurado estilisticamente, como que “disfarçado” sob a forma literária, o que os livrava da censura estatal ⁹.

Os resultados da pesquisa de Miceli vão de encontro à interpretação de Luciano Martins. Segundo ele, o campo cultural brasileiro nas primeiras décadas do XX não configurava um campo no sentido formulado por Bourdieu, pois encontrava-se ainda “em aberto, por estruturar-se; uma estruturação que pode obedecer a uma outra lógica” ¹⁰, mas a *intelligentsia* que se constitui no Brasil, no início dos 20 do século passado, “fracassa no momento de estruturar um campo cultural” ¹¹, pois prescindia de instituições próprias e sentia a constante intervenção do Estado, principalmente sobre as universidades, já nos anos 1930. As observações de Martins, acreditamos, estão parcialmente corretas, particularmente aquelas referentes à ausência de instituições acadêmicas plenamente constituídas e livres da ação estatal; todavia o autor desconsidera outras importantes instâncias de classificação e legitimação literárias e artísticas, como a imprensa, o mercado dos livros, as revistas culturais, os salões e academias literárias ¹². E aquilo que é problema para Martins, é condição para Miceli para a constituição de um campo cultural, particularmente literário, no Brasil, a saber, a dependência em relação ao Estado. Ao que parece, Martins tentava encontrar no ambiente brasileiro um campo intelectual semelhante àquele estudado por Bourdieu no contexto francês, o que certamente não encontrou. Miceli, ao contrário, tentava descobrir os traços e contornos peculiares do campo cultural brasileiro, pois desde cedo percebeu que, de acordo com a feliz formulação da professora Maria Arminda do Nascimento Arruda: “(...) a própria noção de campo envolve permanente construção, ela é aberta para cada situação” ¹³.

A recepção de uma obra, científica ou literária, é objeto de formas variadas de leitura e apropriação, produzindo efeitos diversos, como a “contaminação, hibridização e creolização” citadas por Santoro, mas, vez ou outra, desaguando também nalgum tipo de equívoco, como acontece, ao nosso ver, com a crítica de Maurício Vieira Martins à noção de campo literário de Bourdieu ¹⁴. Há um desprezo da teoria de Pierre Bourdieu, de acordo com Martins, pela singularidade do fenômeno estético, desconsiderando, assim, que o texto literário carrega um “excesso de significação” que transcende o momento histórico em que foi produzido, ou seja, Bourdieu e a noção de campo literário teriam pouco a dizer sobre a perenidade das obras literárias, pois não reconhece e não dá conta da dimensão universal e atemporal que uma obra pode assumir

⁹ Podemos citar Carlos Drummond de Andrade quase como um tipo ideal do “escritor-funcionário”.

¹⁰ Ver MARTINS, 1987, p. 79.

¹¹ *Idem*, p. 85

¹² Puxar nota com algumas referências. Pesquisas recentes comprovam a importância dessas outras instâncias de consagração e mesmo de sociabilidade:

¹³ BASTOS *et al.*, 2006, p. 366.

¹⁴ Ver: MARTINS, M. V. Bourdieu e o fenômeno estético: ganhos e limites de seu conceito de campo literário. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Bauru (SP), v. 19, n. 56, p. 63-74, out. 2004.

¹⁵, subsumindo, ao fim e ao cabo, o texto ao contexto. Para tentar provar a insuficiência da interpretação sociológica de Bourdieu, o autor cita as várias encenações de Shakespeare que inundaram a cidade do Rio de Janeiro, em 2004, como exemplo empírico de uma obra que transcende o tempo e as fronteiras espaciais.

Ora, o argumento de Martins, num esforço de produzir uma leitura crítica de Bourdieu, é, para nós, ingênua, pois é o autor quem desconsidera procedimentos metodológicos e informações conceituais básicas de qualquer sociologia da literatura. Em primeiro lugar, podemos contra-argumentar que a escolha por um dramaturgo-escritor da envergadura de Shakespeare e não por um autor local ou regional menos conhecido e reconhecido, tido como menor ou menos importante, só legitima os procedimentos – que são sociais, não esqueçamos - de canonização das instituições literárias reconhecidas e consagradas, como o sistema universitário e academias literárias. Segundo, nenhuma obra literária ou artística é “atemporal”, como acredita Martins, que parece esquecer que se uma obra resiste ao tempo, não passa incólume por ele, pois está sujeita a apropriações e leituras as mais diversas. A rigor, a perenidade de uma obra depende das formas diversas de recepção, depende do preenchimento e satisfação do “horizonte de expectativas” do leitor ¹⁶, que muda histórica e socialmente. Noutros termos, seja qual for a sociologia da literatura da qual se está tratando, não é permitido desconsiderar as condições sociais de sua produção e de sua recepção, que acabam por defini-la. Por fim, nem Martins nem qualquer Estética da Recepção e do Efeito se perguntam quem é, concretamente, o leitor da obra, um leigo ou um profissional, alguém possuidor de privilegiado ou escasso capital cultural – que a teoria dos campos de Pierre Bourdieu permite fazer. No caso citado por Martins não se sabe quem são, de fato, os encenadores das peças de Shakespeare, os diretores, os atores, os responsáveis pela adaptação do texto, quais suas posições e trajetórias sociais, se fazem parte do *mainstream* ou de um teatro alternativo, escapando a oportunidade de compreender sociologicamente o quê orientou as escolhas sobre a transformação do texto original para a língua local, as escolhas sobre encenação, montagem do palco, iluminação, figurino etc, enfim, como já dissemos, as condições sociais nas quais se dá a recepção de Shakespeare, ou qualquer outro, responsáveis por sua contínua atualização e sobrevivência, que permite revelar algo sobre aqueles agentes sociais que se apropriam de uma determinada obra.

¹⁵ A propósito das críticas, ver: MARTINS, 2004, p. 64-69.

¹⁶ A respeito, consultar: JAUSS, 1979, 1994.

Considerações finais

Dados os limites e as intenções do presente texto, oferecemos três hipóteses – que não são excludentes e podem ser complementares – que possivelmente explicam a ausência de Pierre Bourdieu nas pesquisas de sociologia da literatura *stricto sensu* e nas análises sociológicas da literatura ¹⁷:

- 1) A forte e importante presença de Florestan Fernandes na formação da sociologia em São Paulo, particularmente, mas talvez também no Brasil em geral. Como se sabe, Florestan tinha como projeto de pesquisa entender, em termos sociológicos, o processo de modernização da sociedade brasileira a partir, primordialmente, do processo de formação das classes sociais e sua relação com nossa história racial, fortemente marcada, ainda no presente, por nosso passado colonial e escravocrata. Nesse sentido, as questões relativas à sociologia da cultura eram relegadas a um segundo plano, ou dependendo do tema que se pretendia estudar, a plano algum. É ilustrativo o diálogo reproduzido por Miceli entre ele próprio e Florestan: quando perguntado qual seu objeto de estudo, Miceli afirmou que se interessava pelo tropicalismo, ao que Florestan retrucou: “(...) tropicalismo nem pensar, não é objeto por enquanto” ¹⁸;
- 2) A presença e a influência de Antonio Candido na modulação de uma teoria e crítica literárias no mundo acadêmico nacional, que possivelmente extrapola os limites do ambiente paulista. Nossos departamentos literários, quando não se dobram às abordagens formalistas, muitas vezes se rendem à perspectiva histórico-sociológica de Candido e ao seu conceito de “sistema literário” que, já afirmamos, merece uma revisão. O conceito de Candido assume um desenho triangular, em que cada vértice representa o “escritor”, a “obra” e o “público”, mas entre os vértices há como que um vazio, como se não houvesse outras instituições e agentes sociais em jogo, numa relação tensa e conflituosa, como os agentes literários, os editores e suas editoras, as academias e salões literários, as universidades, os livreiros etc., todos envolvidos em disputas e rusgas, defendendo interesses próprios e de seus pares. Como qualquer noção de “sistema”, a de Candido manifesta uma autosuficiência, um mecanismo de alimentação próprio que desconsidera elementos sociais a ele externos. Curiosamente, Candido incorpora o social no sistema por meio da ideia de público para depois expulsá-lo;

¹⁷ Para a diferenciação entre sociologia da literatura e análise sociológica da literatura: LIMA, 2002.

¹⁸ BASTOS *et al.*, 2006, p. 224.

3) Como afirma Candido em **Literatura e Sociedade**, como por muito tempo não houve no país ciências sociais oficialmente instituídas, coube aos literatos a missão de pensar os problemas do país e até propor sua solução. Posteriormente, com a institucionalização das ciências sociais, a crítica literária, que funcionava também como uma crítica da sociedade e da cultura, se viu ameaçada de perder certo espaço, um certo lugar a partir do qual produzia o seu discurso. Logo, é possível supor que a partir de certo momento começou haver uma espécie de disputa entre as disciplinas, entre os departamentos específicos, entre os intelectuais pela explicação mais legítima da sociedade brasileira. Acrescente-se que a explicação oferecida por Candido e sua escola constituem uma herança de certo modernismo paulista, ou seja, vê e analisa o país a partir dos princípios modernistas, que Miceli tratou de dessacralizar e desancar, acirrando talvez a disputa entre as duas vertentes: uma de inspiração histórica e modernista, outra apoiada na sociologia dos campos intelectuais de Bourdieu, sendo que a primeira, por enquanto, parece levar vantagem sobre a segunda, por razões também sociologicamente explicáveis, por exemplo, os laços de amizade, afetividade e afinidades de toda ordem que podem funcionar como escudo contra explicações divergentes.

Bibliografia

- ARRUDA, M. A. N. Pensamento brasileiro e sociologia da cultura: questões de interpretação. **Tempo Social**, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 107-118, jun. 2004.
- BARANGER, D. The reception of Bourdieu in Latin América and Argentina. **Sociologica: Italian Journal of Sociology On-Line**, Bolonha, n. 2, 2008, p. 1-2. Disponível em: <http://www.sociologica.molino.it/journal/articlefulltext/index/Article/Journal:ARTICLE:248>>. Acesso em: 10 jan. 2009.
- BASTOS, E.R. et al. (Orgs.). Sergio Miceli. In: _____. **Conversas com sociólogos brasileiros**. São Paulo: 34, 2006. p. 219-250.
- BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Tradução: M.L. Machado. 1. reimp. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- _____. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, J. et al. (Orgs.) **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 105-145.
- _____. Condição de classe e posição de classe. In: _____. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção: S. Miceli. 6. ed. 1. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 3-25. (Estudos, 20).
- _____. **Esboço de Auto-Análise**. Tradução, introdução, cronologia e notas: S. Miceli. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.
- _____. L'Invention de la vie d'artiste. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, n. 2, v. 1, p. 67-93, 1975.
- _____. Les Trois états du capital culturel. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, n. 1, v. 30, p. 3-6, 1979.
- _____. O mercado dos bens simbólicos. In: _____. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção: S. Miceli. 6. ed. 1. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 99-181. (Estudos, 20).
- _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre & WACQUANT, Loic. **Las argucias de la razón imperialista**. Buenos Aires: Paidós, 2001.
- CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880**. 10. ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- _____. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 2. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1968.
- _____. Prefácio. In: MICELI, S. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920 – 1945)**. São Paulo: Difel, 1979.
- JAUSS, H. R. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, L. C. (Org.). **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- LIMA, L. C. A análise sociológica da literatura. In: _____. (Org.). **A teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- MARTINS, L. A gênese de uma intelligentsia: os intelectuais e a política no Brasil – 1920 a 1940. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 65-87, jun. 1987.
- MARTINS, M. V. Bourdieu e o fenômeno estético: ganhos e limites de seu conceito de campo literário. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Bauru (SP), v. 19, n. 56, p. 63-74, out. 2004.

- MICELI, S. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920 – 1945)**, São Paulo: Difel, 1979.
- _____. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- _____. **Nacional estrangeiro**: história cultural e social do modernismo artístico em São Paulo. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- ROBBINS, D. French Production and English Reception: The International Transfer of the Work of Pierre Bourdieu. **Sociologica: Italian Journal of Sociology On-Line**, Bolonha, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.sociologica.mulino.it/journal/articlefulltext/index/Article/Journal:ARTICLE:248>>. Acesso em: 9 jan. 2009.
- SANTORO, M. Putting Bourdieu in the Global Field. **Sociologica: Italian Journal of Sociology On-Line**, Bolonha, n. 2, 2008, p. 1-2. Disponível em: <http://www.sociologica.molino.it/journal/articlefulltext/index/Article/Journal:ARTICLE:248> Acesso em: 10 jan. 2009.